

**LICIA BREIM TAVARES PEDROSA**

**ALÉM DAS MARGENS ENTRE LEITORES: ENSAIO SOBRE A  
VITALIDADE DA LEITURA COMPARTILHADA**

Trabalho de conclusão de curso “O livro para infância:  
textos, imagens e materialidades” apresentado à  
Faculdade Facon – Polo Casa Tombada

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

**São Paulo**

**2018**

“A imaginação presente nas crianças e nos adultos é grandemente eficaz para ação, encontrando-se ao lado e não acima, do puro pensamento lógico que tanto teimamos impor às crianças, sobretudo de modo escolarizante, demonstrando compreendê-las como incapazes e não em sua inteireza ou plenitude de capacidades em constante ebulição Gobbi; Pinazza Appezzato (2014: p. 22).

## SUMÁRIO

Introdução .....	2
1. Um novo caminho se abre .....	4
2. Livro ilustrado: um convite para experiência compartilhada .....	6
3. O sensível ser-criança.....	8
Conclusão .....	9
Referências bibliográficas .....	12
Bibliografia consultada.....	13

## Lista de Figuras

- Figura 1.** Capa do livro “Onda” ..... 5
- Figura 2.** A) Menina está colocada na página da esquerda; B) Ilustração do mar ..... 7

## **ALÉM DAS MARGENS ENTRE LEITORES: ENSAIO SOBRE A VITALIDADE DA LEITURA COMPARTILHADA**

**Resumo:** *Este ensaio propõe-se a discutir quanto o momento de compartilhar uma história entre pais/mães e filhos(as) pode ser revelador e surpreendente quando o adulto mediador desarma-se do seu lugar de ensinante e se encanta com as interpretações de uma criança, descobrindo o potencial infantil. Para essa reflexão, foi utilizado o livro ilustrado como eixo em torno do qual essa experiência pode ser vivida.*

**Palavras chave:** *leitura partilhada, criança competente, leitura de livro ilustrado.*

## **BEYOND THE MARGINS BETWEEN READERS: TEST ON THE VITALITY OF SHARED READING**

**Abstract:** *This essay proposes to discuss how much the moment of sharing a story between parents and children can be revealing and surprising when the mediating adult disarms from his place of teaching and enchants with the interpretations of a child, discovering the child's potential. For this reflection the picture book was used as the axis around which this experience can be lived.*

**Keywords:** *shared reading, powerful child, picturebook reading.*

## Introdução

Este ensaio propõe uma discussão acerca de dois aspectos:

1. Compartilhar histórias com os(as) filhos(as): um convite para pais/mães escutarem o que as crianças dizem e sentem, mais do que falarem, como uma oportunidade de reconhecimento e valorização da criança e da infância.

Refletindo sobre a relação que se estabelece entre pais/mães e filhos(as) no momento de compartilhar uma história, em muitos casos, observa-se que essas situações são mais pautadas em atos educativos e situações de ensino por parte de pais/mães do que a possibilidade de viver uma experiência genuína com o filho.

Sugiro falar sobre a importância de trazer o livro ilustrado (abordado logo no item 2) nessa relação entre pais/mães e filhos(as), pois acredito que ele pode trazer uma possibilidade de saída do lugar exclusivamente de preocupação em contar história para o(a) filho(a), na intenção da formação de um bom leitor ou de que aprenda determinados assuntos ou valores como tolerância ou respeito.

Edmir Perroti traz uma colaboração quando discorre sobre a diferença entre leitores e ledores: “ler é uma atividade que envolve essencialmente um modo de relação com a linguagem e as significações” (Perrotti, 1999: p.31).

O autor coloca ainda que os ledores são aqueles que se relacionam mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações e a recriação delas. Já os leitores são definidos como seres em permanente busca de sentidos e saberes, sendo capazes de imprimir suas marcas aos textos que leem, estabelecendo com eles um diálogo vivo e único, não pela busca de resposta, mas pela formulação de novas perguntas. Perroti relembra Paulo Freire, o qual faz uma diferenciação também nesse sentido, ao apontar a diferença que existe entre promover *hábitos de leitura* — que são aqueles ancorados na repetição de gestos — e promover *atos de leitura*, os quais possibilitam o exercício humano na articulação entre o agir e pensar.

A expectativa de um pai/mãe sobre seu(sua) filho(a), ao determinar o seu caminho e buscar que ele seja um bom leitor, por exemplo, não é incomum e isso transfere-se para outros campos que não só nesse momento de leitura vivido entre eles.

Muitas vezes, observo no entorno de uma comunidade de pais/mães com a qual convivo, e mesmo fora dela, o quanto essa relação entre pais/mães e filhos(as) é permeada ainda por um

formato de um adulto que sabe mais do que a criança, e, portanto a criança — pequena no seu tamanho, mas a meu ver suficientemente grande em suas ideias e pensamentos — é colocada nessa relação de transmissão do saber de um para outro: de um adulto que sabe para uma criança que ainda não sabe, de uma ideia de criança que está em um lugar de preparação para se tornar um ser adulto.

Sem dúvida, um adulto tem mais experiências de vida do que uma criança e deve assumir sua responsabilidade enquanto tal, mas isso não lhe confere uma soberania sobre ela, a ponto de fazer com que suas ideias, pensamentos e expressões sejam deixadas de lado.

O nascimento de um filho(a) naturalmente convida a uma relação de dependência com adulto, já que, quando o bebê nasce, necessita de muitos cuidados que envolvem tanto a sua saúde física quanto a emocional.

Jorge Larrosa, no livro “Pedagogia Profana”, trata sobre a infância em um dos capítulos e nos convida a pensar o quanto esse vínculo inicial estabelecido coloca o adulto na relação de poder sobre a criança, em função da extrema vulnerabilidade do recém-nascido. Larrosa diz ainda que essa condição oportuniza colocarmos nossos desejos, projetos e expectativas sobre ela.

*“A criança expõe-se completamente ao nosso olhar, se oferece absolutamente às nossas mãos e se submete, sem resistência, para que cubramos com nossas ideias, nossos sonhos e nossos delírios. Diz-se que o recém-nascido não é outra coisa senão aquilo que nós colocamos nele” (Larrosa, 2010: p. 187).*

2. O encantamento que o livro ilustrado traz também no mundo dos adultos é o segundo ponto sobre o qual desejo abordar.

O livro ilustrado (também conhecido como livro álbum) tem como característica conter poucas ou nenhuma palavra e isso muitas vezes faz com que ele seja entendido como mais fácil e destinado à criança que não sabe ler. Essa condição evidencia, no campo da literatura, a supremacia da palavra sobre a imagem. Quando se valoriza que a criança aprende uma narrativa pela palavra, esta é uma visão vinda do adulto, o qual tem expectativa de que ela se torne um bom leitor.

Os livros literários, de maneira geral, trazem sua força maior no texto. Por vezes, encontramos imagens apenas como ilustração, já que o texto tem seu maior valor na comunicação. É o contrário do livro ilustrado, em que há um predomínio da imagem sobre o texto, na sua forma de se apresentar.

*As últimas décadas foram de apogeu e supremacia do livro-álbum na produção do livro infantil. Se até alguns anos, a convivência entre este gênero*

*e outros, nos quais a narrativa textual era dominante, o foco muda a favor dos livros em que texto e imagens dividem espaço, e, muitas vezes, com predominância destas últimas (Prades, 2016).*

Na realidade, o livro ilustrado evoca o objeto livro, texto e imagem para compor a narrativa. Ele propõe uma leitura integrada e articulada entre a linguagem verbal, visual e o próprio objeto — livro. Esses três aspectos são estruturantes para que a história aconteça, além de serem interdependentes e se integrarem, principalmente na relação *imagem e texto*. O poder de discurso e narrativa está determinado pelas imagens. Porém, no geral, essa é uma ideia que nem sempre é tão fácil aceitar, visto que, conforme apontado acima, é comum a valorização do texto como lugar preponderante da narrativa, e a imagem como ilustração desse texto.

Essas duas questões acima serão tratadas neste ensaio a partir de: um relato de experiência do adulto com o livro ilustrado; a interpretação do livro “Onda”<sup>1</sup>; apontamentos sobre leitura compartilhada entre pais/mães e filhos(as); o valor do pensamento da criança e, por último, a conclusão.

## **1. Um novo caminho se abre**

O relato a seguir conta sobre um momento único e especial da minha experiência com o livro ilustrado como adulto e o quanto ele convidou-me tanto a um novo olhar de leitura quanto a pensar na sua potência para adultos.

“Onda” é um livro ilustrado que traz a narrativa só por imagens e por três cores predominantes: o azul, o branco e o preto. A autora Suzy Lee, de forma leve e poética, conta a história de uma menina que, acompanhada o tempo todo por gaivotas, conhece o mar pela primeira vez (Figura 1).

---

<sup>1</sup> No ano de 2011 conheci de maneira quase acidental o livro “Onda” de Suzy Lee editado pela Cosac Naify em 2008.



**Figura 1.** Capa do livro “Onda” (Lee, 2008).

Meu primeiro contato com o livro “Onda” ocorreu de forma despreocupada. Entrei numa sala de aula na escola<sup>2</sup> em que trabalho, para realizar uma das minhas funções: observação de um grupo de crianças de quatro anos. Sentei num sofá ao lado da biblioteca da classe e peguei sem muita intenção esse livro para ler (na época não o conhecia), enquanto as crianças circulavam pela classe em atividades diversas. Por alguns minutos, eu “esqueci” do meu papel de orientadora educacional e mergulhei na história como elas, crianças, fazem quando estão envolvidas com livros naquele canto aconchegante.

Passei um tempo entretida e absolutamente tomada por aquele livro!

Assim que terminei o livro, suspirei!!

Suspirei porque encontrei nele — na delicadeza das cores dos desenhos, nos detalhes das imagens, no encontro e desencontro da menina com o mar, definido tão lindamente pelo meio<sup>3</sup> das páginas, os sentimentos legítimos da vida de uma criança, de um adulto, de uma pessoa qualquer. Encontrei nele uma possibilidade de me surpreender quando se vive a vida na sua plenitude, com tudo que ela nos traz: confortos e desconfortos. Encontrei nele também o valor da infância (como pretendo abordar mais adiante), nos dois momentos em que aparece a imagem da mãe (no começo e no final), a qual é colocada de forma delicada e cuidadosa, num lugar em que não sufoca e não invade a experiência de sua filha. Uma mãe presente e ausente ao mesmo tempo para acreditar que a criança tem o saber, os recursos e as possibilidades de relacionar-se, de modo competente, com as experiências que vive.

---

<sup>2</sup> Escola Vera Cruz – da Educação Infantil ao Ensino Médio. Escola particular situada em São Paulo (SP).

<sup>3</sup> No livro ilustrado e especificamente no livro “Onda” entende-se o meio da página como margem central.

Enquanto lia a história, eu torcia pela menina, ficava assustada ou feliz como ela quando se envolvia com a experiência de conhecer o mar. Entrei num estado de emoção viva, como se eu estivesse lá, como se aquela experiência fosse minha também.

Encontrei o encantamento numa história tão comum à infância — como um dia na praia — narrada de forma original e criativa sobre essa vivência, abalando o leitor nos seus sentimentos, emoções, imaginação, mas de forma tão leve e natural.

O azul que vai gradativamente entrando nas páginas e ocupando espaços cada vez maiores convida o leitor a diferentes estados de ânimo como: coragem e apreensão ou mesmo alegria e desespero.

Neste dia, definitivamente senti que esse livro me deslocou!

Ali surgiu uma possibilidade de pensar que os livros para as crianças — em especial, os ilustrados — são muito potentes para qualquer idade. Se ele me tocou, imaginei que pudesse também tocar outros adultos. E assim, resolvi num outro momento compartilhá-lo numa reunião com os pais daquelas mesmas crianças de quatro anos. Para minha surpresa e, de certa maneira, a confirmação de uma hipótese, percebi que os pais também se encantaram. Embora a história tivesse entrado como uma parte pequena dessa reunião e não como propósito central, algumas famílias procuraram-me no final do encontro, mostrando-se muito interessadas pelo livro. Quiseram pegá-lo com as próprias mãos, folhearam novamente, perceberam detalhes que não tinham podido ver na primeira leitura. Enfim, eles também suspiraram! Os pais saíram de uma seriedade imposta pelo lugar de adulto e se permitiram acessar o sensível que existe em cada um de nós.

## **2. Livro ilustrado: um convite para experiência compartilhada**

Existem livros ilustrados sem texto — como o livro “Onda”, citado no relato acima — e livros ilustrados com imagens e textos.

O livro “Onda”, considerando a forma com que foi elaborado por sua autora Suzy Lee<sup>4</sup>, revela que a utilização da margem entre as páginas é uma informação fundamental na história. Ela trabalha ao mesmo tempo com os dois lados de cada página, propondo uma relação entre a imaginação e a realidade. O leitor é convidado a atentar-se a pequenos detalhes que são reveladores na compreensão da história. A margem entre as páginas estabelece um diálogo, como quando, pela

---

<sup>4</sup> Suzy Lee autora e ilustradora de livros infantis. Os livros “Onda” (2008), “Espelho” (2010) e “Sombra” (2011), publicados pela editora Cosac Naify, fazem parte de uma trilogia.

primeira vez, a menina quer entrar no mar e se mostra sem muita coragem. Com o livro aberto ao meio, a menina está colocada na página da esquerda (Figura 2A) e o mar na página da direita (Figura 2B), sugerindo um movimento de passagem de um lugar para o outro.



**Figura 2.** A) Menina está colocada na página da esquerda; B) Ilustração do mar (Lee, 2008).

A autora coloca a margem das páginas como se fosse uma barreira de “proteção” e, ao mesmo tempo, como um lugar de desafio. Nesse movimento de travessia de uma página para a outra, a menina tenta romper essa “proteção”, quando encontra coragem para entrar no mar. Interessante pensar que a palavra margem convida a uma localização de um limite. Ao mesmo tempo traz o desejo de ultrapassá-lo. Essa é uma interpretação subjetiva, pois cada leitor pode se relacionar com a história de outro ponto de vista.

Todo livro traz para o leitor uma possibilidade infinita de encontros múltiplos consigo mesmo, através do imaginário que o convoca no seu lugar mais íntimo, acionando sensibilidades, emoções e sensações no corpo. Traz abertura e possibilidades de um novo olhar para sua própria história de vida e, portanto, promove uma atualização de si mesmo, uma renovação. Os signos de uma história abrem diálogos para novas perspectivas de mundo.

A leitura de um livro ilustrado, especificamente por ter uma força narrativa maior nas imagens, convida o leitor a aguçar o olhar sensível, ativando o ato de apreciação de imagens, de detalhes, das cores, de espaços. A diagramação e o projeto gráfico oferecem também um outro tipo de encontro e leitura. É uma leitura que traz um dispositivo para sensibilidade.

Nesse sentido, em função dessa possibilidade abrangente de relação com a história, em que a palavra não é a principal fonte de informação e sim as imagens, o livro ilustrado traz uma audiência ampla, convidando leitores de diferentes faixas etárias, dos mais velhos aos mais novos, a fim de colaborar com o rompimento da ideia de que livro para criança não serve para adultos.

Além disso, por acionar o lado poético do leitor, coloca adultos e crianças na mesma condição, ou seja, na partilha de uma história, todos envolvidos (mesmo aquele que não sabe ler ainda) encontram-se democraticamente na mesma condição de leitor. A sequência narrativa de um livro ilustrado é proposta pela diagramação definida pelo autor(a), mas qualquer leitor, seja ele criança ou adulto, pode subverter a leitura a partir do seu olhar. Portanto a observação e olhar de um não necessariamente é do outro. Alguns autores(as) consideram o livro ilustrado dentro do campo das artes, justamente por proporcionar ao leitor também uma experiência estética.

### **3. O sensível ser-criança**

A criança se relaciona com o mundo de maneira muito autêntica e de forma integrada: não divide em compartimentos as suas percepções; coloca em prática ao mesmo tempo diversas linguagens; inventa diferentes formas para se conectar e expressar sentimentos, emoções e ideias; demonstra uma atitude aberta em que as perguntas são postas a todo momento como mola propulsora para conhecer, apreender e transformar o mundo; não se fecha num lugar de um conhecimento dado, ao contrário, tem em si própria uma disponibilidade para trazer elementos da imaginação e criação — aspectos muito valorizados na linguagem das artes. Desde muito pequena, a criança explora a variedade de materialidades e as transforma, transgredindo seus significados inscritos culturalmente. Com muita simplicidade numa brincadeira, por exemplo, ela faz de um punhado de areia um bolo delicioso e, quando entramos nesse jogo, sentimos até o seu aroma. Ao observarmos por um breve tempo uma criança brincando ou se inquietando com algum fenômeno, percebemos que ela se coloca o tempo todo viva, ativa e inteira.

Diante dessa ideia se faz necessário pensar que a infância, composta por crianças, não é um lugar de preparação para a vida adulta e, quem faz da infância o seu lugar, são as próprias crianças com todas as características que lhe conferem e suas formas de se colocar no mundo. Portanto, cada vez mais é importante desconstruirmos uma compreensão de criança frágil, impotente e menos capaz, a fim de trazer uma maior visibilidade da criança na sua máxima potência.

A criança é um ser de direitos como qualquer outro ser humano e, por isso, é muito importante legitimar suas vozes e sua forma de ser e estar no mundo. O meu convite é pensarmos a criança num lugar em que seu valor esteja assegurado e legitimado, entendendo que ela também é uma produtora de cultura e não mera ocupante de um lugar de passividade e submissão para consumir a cultura dada pelo adulto.

A criança é um ser que tem grande abertura para a curiosidade e isso possibilita que entre de várias maneiras numa história e faça diferentes leituras. Como disse acima, ela se conecta de maneira polissensorial, e, nesse sentido, a sua presença e forma de se relacionar acontece dessa maneira integrada: corpo, mente e emoções.

## Conclusão

Então, no momento de compartilhar histórias entre adulto e criança, é imprescindível escutar o que elas têm a dizer, visto que a fala das crianças é permeada por um senso metafórico extremamente interessante e poético. Muitas vezes, o universo da criança é visto como limitado na sua expressão em função de seu vocabulário. Novamente trago aqui o quanto a palavra oral ou escrita tem uma supremacia sobre outras expressões e linguagens. Entretanto, justamente por não estar enquadrado num formato de adulto, se dermos oportunidade, a criança atua com maior liberdade de pensamento com relação ao mundo que ela vive. As palavras que ela inventa e que não são encontradas no mundo adulto, são as que ela define a partir de sua própria relação e memória de vida. A criança vai muito além da palavra.

Ao ouvir uma história, o estado de entrega é total, de modo que aciona todas suas competências. O corpo todo está ativo: ela se esconde quando está com medo ou tapa os olhos; faz sons espontâneos como um rugido de um leão, de forma muito natural e verdadeira. A sua expressividade é genuína. No momento de compartilhar uma leitura, se abrirmos espaço para suas ideias, nos surpreenderemos com a riqueza e naturalidade de suas colocações. Um dia, ao compartilhar com um grupo de crianças pequenas o livro ilustrado “Eloisa e os bichos” (Buitrago, 2013), ouvi delas comentários interessantes. Quando terminei de contar a história, uma criança se dá conta que não existe uma mãe e pergunta: “Onde está mãe?” E eu perguntei o que eles achavam. Para minha surpresa, com muita tranquilidade surgiram várias respostas dadas pelas crianças: “ela morreu” disse uma delas, “ou eles se separaram”, disse outro menino, e, por fim, mais uma criança completa: “ou ela estava viajando”. Essa história conta sobre a mudança de uma família para uma cidade totalmente diferente com relação aos seus costumes e culturas, e até mesmo as características físicas (eles eram humanos e a cidade era habitada por grandes insetos), marcando as dificuldades de integração a esse novo formato de vida. O pai e a filha protagonizam os personagens centrais e nessa parceria os dois vivem conflitos e alegrias diante de tantas transformações e em nenhum momento a mãe é citada.

Geralmente os adultos incomodam-se muito mais com determinados assuntos do que a própria criança, e me pergunto se num ato de uma leitura, como dessa história por exemplo, um pai ou uma mãe ao ouvir esse questionamento, aguentaria esperar e escutar a ideia do seu filho e não anteciparia trazendo uma solução mais confortável que, a meu ver, muito mais para os pais/mães, do que para as crianças.

*“Escutar, assim como ler, tem a ver, porém com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo (Bajour, 2012:p.24).*

Talvez se faz necessário pensar como os adultos têm ocupado seus lugares nessa relação e o quanto permitem a expressão e as manifestações originais das crianças — como a menina do livro “Onda”, que pode viver intensamente sua relação com o mar, pois o tempo todo sua mãe permaneceu numa distância saudável, já que ela só aparece no início e no final da história. Será que não poupamos as crianças porque não acreditamos que elas sejam capazes de lidar com esses sentimentos que, na verdade, não são dos adultos, mas de qualquer ser humano?

Por mais que saibamos sobre o que se trata aquela história, nunca teremos uma única interpretação, pois qualquer leitor, seja ele criança ou adulto, vai interpretá-la e fazer conexões a partir de sua experiência de vida e de sua subjetividade. Nem sempre um leitor vai se atentar ao mesmo ponto que outro — essa é a riqueza da existência das diferentes vozes e interpretações manifestadas no momento de leitura compartilhada entre pais/mães e filho(as) articulando-se entre si: os sentidos que cada um atribui.

No meu cotidiano, cada vez que tenho uma oportunidade de contar história para crianças, percebo o quanto é forte a tendência do adulto de conduzir a uma interpretação. Guardar o ímpeto de dar as respostas e acolher a escuta viva da palavra da criança. Esse tem sido um desafio interessante para pensar e rever quais espaços de escuta tenho oferecido para que as crianças se manifestem e tragam suas próprias interpretações. O que vai ficando evidente para mim é que nessa partilha, principalmente quando estamos falando de livros ilustrados, existem “vazios” que provocam encontros entre adultos e crianças por várias significações. Já vivi algumas situações em que o comentário ou observação de uma criança sobre um aspecto ou detalhe da história, passou totalmente despercebido por mim, fato que me convidou a ter um novo olhar, ampliando a minha relação com a história. É preciso ir além do óbvio, de uma compreensão única e, como diz Larrosa no texto “Dar a ler...Talvez”, “devolver certa obscuridade ao que parece claro, abrir uma certa ilegibilidade no que é demasiado legível” (Larrosa, 2004: p.16). Nesse sentido, o livro ilustrado é uma experiência rica, já que ela possibilita um tipo de leitura que convida o adulto para além da sua percepção racional e o leva para o campo da imaginação e da criação, possibilitando que, num encontro de leitura com a

criança, haja uma construção de sentidos compartilhada, abrindo espaços para as diferenças, enriquecendo a vida, a leitura e a própria visão de mundo.

Ainda nesse texto de Larrosa, o conceito de transmissão é abordado por ele a partir de uma outra perspectiva: a transmissão é como uma comunicação que explode, que não é inerte e abre possibilidades de invenção e renovação. Foi um tanto disso que aconteceu comigo quando me surpreendi e me encantei com outras interpretações das crianças nas quais nem tinha pensado.

Para que um encontro verdadeiro aconteça no momento de compartilhar história, há de se ter um adulto completamente disponível para aquela história. Um adulto que reflita sobre o que naquela história o abalou, no que ela o chamou para dentro dela e o quanto o seu afeto se expandiu. Foi um pouco do que vivi quando conheci o livro “Onda”, “desarmada” de uma condição de compreensão da história. O que me aconteceu nesse dia é que fui capturada por ela e isso me deslocou para uma condição de paixão.

O adulto que se encanta com o encantamento das crianças se descobre numa outra relação com elas. Como possibilitar a condição para o ser-criança expor seus pensamentos nessa partilha leitora entre adultos e crianças e juntos se comoverem, se encontrarem numa experiência plural em que a co-participação seja igualmente concebida.

A palavra margem permeou a escrita desse ensaio por diversas maneiras: no título, no texto, no projeto gráfico definido por Suzy Lee e na própria história do livro “Onda”; se convertida numa metáfora para essa relação leitora entre adultos e crianças, fica uma pergunta para novas reflexões: Como então habitar as margens e ultrapassá-las numa leitura compartilhada entre pais/mães e filhos(as).



## Referências bibliográficas

- Bajour, Cecília (2012) *Ouvir nas entrelinhas. O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato.
- Buitrago, Jairo (2013) *Eloisa e os bichos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato.
- Gobbi, Maria Aparecida; Pinazza, Mônica Appezzato (2014) *Infâncias e suas Linguagens*. São Paulo: Cortez.
- Larrosa, Jorge (2004) *Educação e linguagem depois de Babel*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Larrosa, Jorge (2010) *Pedagogia profana. Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lee, Suzy (2008) *Onda*. São Paulo: Cosac Naify.
- Lee, Suzy (2010) *Espelho*. São Paulo: Cosac Naify.
- Lee, Suzy (2011) *Sombra*. São Paulo: Cosac Naify.
- Perrotti, Edmir (1999) Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, pp. 31-40.
- Prades, Dolores (2016) *Passado e futuro do livro álbum*. [Consult 2018-09-27] Revista Emília. Disponível em <URL: <http://revistaemilia.com.br/passado-e-futuro-do-livro-album>>

## **Bibliografia consultada**

- Andrueto, Maria Teresa (2012) *Por uma leitura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato.
- Ariès, Philippe (2011) *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Corsaro, William A (2011) *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Edwards, Carolyn; Gandini, Lella; Forman, George (1999) *As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Volume 1. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Edwards, Carolyn; Gandini, Lella; Forman, George (2016) *As cem linguagens da criança. A experiência de Reggio Emilia em transformação*. Volume 2. Porto Alegre: Editora Penso.
- Faria, Ana Lucia Goulart de; Demartini, Zeila de Brito Fabri; Prado, Patrícia Dias (2009) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados.
- Goulart, Ana Lucia; Finco, Daniela (2011) *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Lee, Suzy (2012) *Trilogia da margem. O livro-imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo: Cosac Naify.
- Reys, Yolanda (2010) *A casa imaginária. Leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global.
- Salisbury, Martin; Styles, Morag; Capano Marcos (2013) *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. São Paulo: Rosari, 2013.
- Van de Linden, Sophie (2011) *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify.